

Pelas telas do cinema: outras imagens, outras culturas, outros saberes

Idelsuite de Sousa Lima¹
Faustino Teatino Cavalcante Neto²
Nahum Isaque dos Santos Cavalcante³

Resumo

O presente trabalho analisa a experiência do projeto *Círculos de cultura: o cinema vai ao campo*, que tematiza saberes e fazeres de povos do campo, focalizados a partir da arte cinematográfica e da discussão sobre a convivência com o semiárido. Realizado com comunidades camponesas do Cariri paraibano, o estudo focaliza aspectos culturais expressos em dois segmentos: pelas telas do cinema e pela expressão de saberes, identidade, estratégias engendradas pela população nas táticas de sobrevivência com a região semiárida.

Palavras-chave: Cinema. Convivência com semiárido. Saberes camponeses.

Introdução

Tomando de empréstimo o uso dos ‘Círculos de Cultura’, utilizado por Paulo Freire no Movimento de Cultura Popular, este trabalho apresenta a investigação sobre práticas educativas e culturais em comunidades camponesas do Cariri paraibano, analisando a experiência do projeto *Círculos de cultura: o cinema vai ao campo*, que coloca em relevo saberes e fazeres de povos do campo, focalizados a partir da arte cinematográfica e da discussão sobre a convivência com o semiárido. O estudo focaliza aspectos culturais expressos em dois segmentos: pelas telas do cinema e pela expressão de saberes, identidade, estratégias engendradas pela população camponesa nas táticas de sobrevivência com a região semiárida.

1 Professora do Departamento de Metodologia da Educação, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Doutora em Educação pela UNICAMP. E-mail: idel.lima@uol.com.br

2 Professor da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Doutor em História pela UFPE. E-mail: faustino.teatino@ufcg.edu.br

3 Professor da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Mestre em Educação Matemática pela UFPE. E-mail: nahum.isaque@ufcg.edu.br

A atividade denominada *Círculos de cultura: o cinema vai ao campo* foi desenvolvida em duas comunidades rurais do município de Sumé-PB (localizado no Cariri Ocidental, distante 260 km da capital João Pessoa), como momentos de partilha de experiências e de saberes acerca da convivência com o semiárido, colocados em discussão a partir da exibição de filmes nacionais com temáticas específicas.

A intenção das sessões dos *Círculos de cultura* era a de promover interlocução entre o cinema e a vida campesina, a convivência com o semiárido, a cultura popular, entendendo que, ao dialogar com os saberes experienciais trazidos pelos sujeitos do campo a partir da discussão sobre os filmes, efetivava-se uma construção de conhecimentos e a formação de novos pensares sobre o campo.

Daí a pergunta de pesquisa: que relação há entre os saberes dos povos campesinos e a atividade desenvolvida nos *Círculos de cultura: o cinema vai ao campo*?

A atividade elegeu como objetivos: levar o cinema às famílias pertencentes às associações comunitárias camponesas sumeenses, promovendo discussões político-culturais acerca de questões identitárias, educativas, agrárias e sociais; proporcionar, através da imagem cinematográfica, debates acerca de questões que envolvem a temática do semiárido brasileiro, seus desafios e possibilidades; instituir um processo de formação, envolvendo alunos e professores e técnicos da Universidade e camponeses, no sentido de constituir um grupo de discussão acerca de questões agrárias, educacionais, políticas, culturais, sociais e cotidianas relacionadas ao espaço de vivência desses sujeitos; e promover, a partir da revisitação histórica de temas nacionais apresentados na imagem em movimento, o questionamento acerca da realidade circundante.

Assim, neste estudo, procurou-se investigar os significados atribuídos aos *Círculos de cultura: o cinema vai ao campo*; compreender e descrever as atividades realizadas, buscando identificar os motivos que levaram crianças, jovens e adultos a participarem dessa atividade; e, interrogar o caráter educativo das práticas desenvolvidas e o diálogo com a cultura popular.

Portanto, refletir como determinadas práticas culturais possuem um sentido e um significado para seus participantes constitui o foco do presente trabalho. Configura-se como uma tensão entre a alteridade que o cinema representa e as potencialidades discursivas geradas pelos modos de perceber, os desafios, os sonhos e os desejos de potência revelados através da cultura, nas apostas educativas desencadeadas a partir da imagem em movimento.

Aspectos teórico-metodológicos

Para analisar os significados das práticas desenvolvidas e a participação dos camponeses na atividade denominada *Círculos de cultura: o cinema vai ao campo* far-se-á um detalhamento de parte da experiência realizada.

Os *Círculos de cultura: o cinema vai ao campo* consiste em uma ação político-cultural promovida pela Universidade, através de um grupo de professores e realizada em comunidades pertencentes ao município de Sumé, no Cariri paraibano.

A realização do projeto teve como propósito desenvolver ações extensionistas voltadas para a interação entre a imagem cinematográfica e as populações camponesas, promovendo discussões acerca da cultura imagética e questões relacionadas com o campo e suas especificidades.

As comunidades contempladas com a realização da ação político-cultural são identificadas como comunidades rurais, cuja população é composta por trabalhadores e trabalhadoras rurais, pequenos proprietários camponeses, irrigantes da bacia do açude de Sumé. Tais comunidades localizam-se na área de abrangência do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (CDSA), da Universidade Federal de Campina (UFCG), instalado na cidade de Sumé. A comunidade da Pitombeira pertence ao município de Sumé e as comunidades de *Olho D'Água do Padre*, *Caititu* e *Catonho*, originariamente da municipalidade sumeense, passaram a pertencer ao município de Serra Branca a partir do Censo de 2010, quando foi detectado, pelo IBGE, que o território onde se situam as comunidades é serrabranquense.

A atividade foi realizada através de sessões mensais, ocorridas entre os anos de 2014 e 2015. A metodologia do projeto de extensão foi estabelecida a partir da realização de encontros sistemáticos mensais, constituindo de sessões de exposição cinematográfica, seguida de debate a partir da exibição filmica, acrescida de atividade cultural apresentada pela comunidade.

A equipe executora do projeto estabeleceu uma sistemática semanal de encontros com vistas a estudar, discutir, preparar material para o desenvolvimento das ações extensionistas, bem como, para estabelecer cronograma. Eram momentos de partilha, de avaliação da sessão anterior, de organização do trabalho para a sessão seguinte, de seleção dos filmes e/ou documentários que contemplassem as sugestões de assuntos indicados pela comunidade.

Nesse processo, a construção dos *Círculos de cultura* se aproximou da proposta de Freire (1987) ao trabalhar as temáticas dos filmes por meio de temas geradores sugeridos pela comunidade. De acordo com esse autor: “no processo de busca da temática significativa, já deve estar presente a preocupação pela problematização dos próprios

temas, por suas vinculações com outros, por seu envolvimento histórico cultural” (FREIRE, 1987, p. 51).

Participaram da atividade professores da Universidade Federal de Campina Grande, alunos do curso de Educação do Campo da mesma instituição e crianças, jovens e adultos moradores das comunidades.

No que se refere às sessões filmicas, inicialmente foi feito contato com representantes das comunidades com o intuito de divulgar o projeto e conseguir adesão das pessoas residentes nas localidades. As sessões ocorreram em espaços comunitários, nos quais foi instalado computador, data-show, caixa de som, propícios para a exibição cinematográfica. A associação camponesa pertencente ao *Olho D'Água do Padre, Caititu e Catonho* utilizava o espaço da Escola Municipal. Na comunidade de Pitombeira o espaço utilizado era a sede da AMUABAS – Associação de Moradores e Usuários de Águas da Bacia do Açude de Sumé.

Foram contempladas 250 pessoas que formam 70 famílias pertencentes à Associação Comunitária Beneficente Rural de Olho D'Água do Padre, Caititu e Catonho do município de Serra Branca-PB; e 90 pessoas que formam 30 famílias pertencentes à Associação dos Moradores e Usuários de Águas da Bacia do Açude de Sumé – PB (AMUABAS), localizada na comunidade Pitombeira do município de Sumé-PB.

As sessões constavam de dois momentos. No primeiro, era exibido o filme e/ou documentário abordando a temática previamente sugerida pelos participantes e preparada pelos coordenadores, no caso, os professores da Universidade. Dentre as sugestões, destacavam-se assuntos relacionados com: terra para trabalhar e para viver, luta pela terra, estratégias de convivência com o semiárido, política, voto e participação comunitária, alimentação saudável sem uso de agrotóxico, organização comunitária, uso consciente da água e do solo, dentre outras. No segundo momento, realizava-se a reflexão coletiva sobre o assunto tratado, relacionando-o com as histórias de vida e trabalho dos participantes, com as questões da localidade, tematizando o viver campesino, os desafios e possibilidades de ação coletivas.

Cada sessão contou com a participação de adultos, jovens e crianças. Em virtude disso, foi necessário instalar, paralelamente, em outra sala, uma sessão infantil com filmes de desenho animado, cuja temática dos filmes tratava da preservação da natureza e do meio ambiente. Com as crianças a interpretação dos filmes era realizada através de atividades lúdicas, tais como desenho, dramatização, pintura, cartazes.

Resultados

Os *Círculos de cultura: o cinema vai ao campo* tem sua história marcada na lembrança e na memória dos camponeses de *Olho D'Água do Padre* e da *Pitombeira* (comunidades sedes), pela efetiva participação, engajamento, expressão cultural e discussões sobre a convivência com o semiárido.

Pensar a vida, a terra, a convivência com a seca, a ação política a partir das telas do cinema constituiu, para os camponeses, um alvorecer, um despertar, expressos nos relatos dos participantes. Ver nas telas do cinema a representação da vida já se anunciava como uma curiosidade, uma dúvida, um questionamento. Os camponeses adultos, ao tempo em que se encantavam com a imagem projetada na tela, tinham a oportunidade de expressarem sentimentos, de falarem da dureza e da beleza dos seus viveres, repensarem suas práticas.

A juventude campesina, ainda que acostumada com a imagem televisiva, percebia aqueles momentos com singularidade. De acordo com Ramos; Braga; Teixeira, (2010, p. 35):

É um direito das crianças e dos jovens e um dever dos educadores da escola possibilitar-lhes a oportunidade de vivenciar experiências estéticas, conhecendo outro tipo de cinema, que lhes agucem a sensibilidade e estimulem mudanças na forma de olhar, de pensar, de sentir, de tocar e de se relacionarem com o mundo.

A oportunidade de ver o filme e discutir sobre o mesmo, levando em consideração as questões cotidianas, transformou esse evento em um novo olhar, uma nova forma de ver as coisas, como afirmavam os participantes. É a educação do olhar que possibilita “sair de si e trazer o mundo para dentro de si” como bem diz Chauí (1988, p. 33).

Educar o olhar ou utilizar o cinema para proporcionar a potencialidade de poder ver diferente significa reconhecer aquilo que Marc Ferro (1988) chama de não visível nas imagens. Este autor revela que, no cinema, a história surge como contra-história, ou seja, como oportunidade de questionamento ao já sabido, ao já entranhado na memória coletiva. Possibilita construir enfrentamentos para a história linear, pré-estabelecida.

Assim, a imagem fílmica pode propiciar análises críticas e reflexivas a respeito das temáticas que o filme aborda, contribuindo para desenvolver o pensamento crítico e, daí gerar outros encaminhamentos, porque possibilita um repensar sobre si, sobre o meio sociocultural, político e educacional que está inserido. Nessa perspectiva, “o que importa essencialmente é que, na discussão, estes homens, seres individuais concretos, reconheçam-se a si mesmos como criadores de cultura” (FREIRE, 1987, p. 51).

Dentre os filmes e documentários apresentados, serão destacados apenas alguns desses recursos audiovisuais pelo significado que a discussão sobre os mesmos foi sendo estabelecida pelos participantes. Cita-se, por exemplo, o filme *Narradores de Javé*, um longa-metragem dirigido por Eliane Caffé. Na exibição deste filme, os moradores das comunidades de *Olho D'Água do Padre*, *Caititu* e *Catonho* identificaram-se, ou seja, se viram representados. A película retrata uma história de um povoado, cujos moradores lutam para que o local de moradia não seja destruído e, por isso, tentam transformar o território em patrimônio histórico a ser preservado. No filme, há a luta pela memória, a cultura, o local e os antepassados. Nas palavras de Lima; Machado (2010, p. 107): “*Narradores de Javé*, um filme sem herói, nem salvador, uma história fabular que dá conta de problematizar o real, nos ajuda a pensar os sujeitos ordinários e suas histórias”.

A exposição cinematográfica desse longa-metragem encontrou ressonância entre os moradores, uma vez que, a partir do Censo de 2010, as três comunidades citadas, que pertenciam ao município de Sumé, passaram a pertencer ao município de Serra Branca, o que causou grande turbulência no sentimento de pertença daquela população. A aproximação do filme *Narradores de Javé* com histórias das populações das comunidades de *Olho D'Água do Padre*, *Caititu* e *Catonho* apresenta muita semelhança e fez com que a discussão dos moradores ganhasse relevância, por representar seus conflitos sobre territorialização, desterritorialização e identidade. Os moradores dessas localidades vivem uma crise de identidade porque não aceitam pertencer ao município de Serra Branca, ainda que oficialmente pertençam. Para Freire (1987, p.30).

O homem está no mundo e com o mundo [...] Isto o torna um ser capaz de relacionar-se [...] estas relações não se dão apenas com os outros, mas se dão no mundo, com o mundo e pelo mundo [...] o homem tende a captar a realidade, fazendo-a objeto de seus conhecimentos [...] Quando o homem compreende a realidade, pode levantar hipótese, sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias.

Refletir sobre o seu processo de estar no mundo conduz o sujeito a procurar soluções para o seu viver, as circunstâncias que o cercam, sobre si e os outros com quem partilha a vida. Essa reflexão possibilita questionar as representações construídas em uma determinada configuração sócio-histórica. A utilização da imagem fílmica ajuda a pensar sobre tudo isso, por forjar ou retratar realidades e por ser também, elemento de fruição, que permite fazer do olhar uma “janela da alma, espelho do mundo” (CHAUI, 1988, p. 31). Mas, para isso, o filme precisa ser

desnaturalizado, ou seja, não pode ser abordado como se fora um elemento neutro. As circunstâncias reveladas no filme motivam o agir das pessoas, o engajamento em lutas sociais e coletivas.

Na exibição do filme *Vidas Secas*, as pessoas mais idosas das comunidades fizeram relatos emocionados, mas afirmando haver diferenças significativas entre o nordeste de hoje e aquele revelado no filme. O longa-metragem *Vidas Secas*, dirigido por Nelson Pereira dos Santos, é baseado na obra de mesmo nome, de autoria de Graciliano Ramos e trata da seca e suas consequências para a população nordestina. Revela problemas que agravaram a exclusão dos sertanejos, a fome, a miséria e o êxodo rural dos nordestinos para os grandes centros do País.

A discussão em torno desse filme oportunizou comparações destacando como foi construída a ideia de um nordeste humilhado, retratado por intelectuais, políticos, escritores, músicos que ajudaram a formular uma representação negativa sobre o nordeste, como defende Muniz (2001). O filme proporcionou o questionamento de políticas públicas voltadas para o combate à seca, grandes responsáveis por beneficiar os ricos e aprofundar cada vez mais a miséria e a pobreza dessa região do País. Além disso, a discussão trouxe à tona a diferença entre políticas de combate a seca e políticas públicas de convivência com as secas.

Dentre os exemplos citados pelos participantes sobre políticas de convivência com o semiárido destacam-se políticas relacionadas com financiamento, posse de terra, implantação de cisternas, condições de renda, trabalho e emprego, por possibilitarem que as pessoas permaneçam em seus lugares de pertença, construam suas vidas e possam viver, com dignidade, junto aos seus familiares.

Por sugestão dos participantes a temática sugerida para o próximo filme foi relacionada com convivência com o semiárido. Daí a exposição do vídeo *Sistemas integrais de convivência com o Semiárido*. O vídeo, produzido pela Rota Estratégica do Programa Semear, contrapõe-se à lógica de combate à seca e destaca a importância de ações para convivência com o Semiárido. Tem como meta valorizar aspectos culturais, identitários e socioambientais da região, potencializando a agrobiodiversidade e o desenvolvimento sustentável.

Nessa mesma linha foi apresentado o documentário *Policultura no Semiárido*, produzido pelo Instituto de Permacultura da Bahia, que apresenta uma tecnologia social em que associa técnicas de cultivo agroecológicas para garantir segurança alimentar e preservação do ambiente no semiárido.

Os participantes das comunidades revelaram interesse e entusiasmo com o que foi apresentado na tela e afirmaram que tais ideias são bastante importantes para o trabalho no campo e para a produção de alimentos. A discussão gerou sugestões e propostas a serem

acrescentadas às que já são implementadas e vivenciadas no cotidiano da comunidade. Somou-se a essa temática a discussão sobre as cisternas, uma tecnologia que a população já dispõe e que contribui para a convivência com a seca. Os depoimentos dos participantes indicaram que as políticas públicas são imprescindíveis para garantir a vida no campo e a convivência na região semiárida.

Outra questão advinda dos camponeses relaciona-se à importância de ter ciência que as políticas públicas são conquistas sociais e não benefício dado por representantes políticos. Foram citadas as investidas de representantes políticos para tentar canalizar em seu benefício o advento de cisternas, o que tem sido rechaçado pela população daquela comunidade.

Sobre essa questão, exibiu-se o curta metragem *Dona Caroba: Não troque o seu voto por água*, produzido por Fram Paulo da Silva, da Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA). A película trata da cultura e a religiosidade do semiárido, mas tem por objetivo conscientizar os cidadãos a não ‘venderem seus votos’ por promessas de fornecimento de água feitas candidatos em campanha eleitoral.

Os participantes fizeram relação entre o filme e as experiências vivenciadas em períodos que antecedem os pleitos eleitorais, principalmente em eleições municipais, destacando a importância de ter clareza acerca das políticas públicas como um direito inalienável. Declararam que a luta por mais cisternas deve ser uma constante, uma vez que tais tecnologias devem ser ampliadas para possibilitar o plantio de diferentes culturas e garantir a vida camponesa.

A participação da comunidade em torno da exibição filmica, os questionamentos, as ações refletidas, nessa participação, expressaram diferentes usos da palavra numa relação circular em que todos podiam contribuir para a narrativa e a respectiva reflexão acerca dos assuntos tratados, socializando significados e saberes. Para Freire (1987, p. 52): “a reflexão, se realmente reflexão, conduz à prática”.

Os encontros promoveram também outras formas de manifestação cultural dos participantes da própria comunidade, numa demonstração de que o homem, ao criar cultura, faz história. A “cultura é todo o resultado da atividade humana, do esforço criador e recriador do homem, de seu trabalho por transformar e estabelecer relações de diálogo com outros homens” (FREIRE, 1983, p.38).

Assim, ao final de cada sessão filmica, a comunidade apresentava uma atividade cultural realizada através dos seus ‘contadores de causos’, narradores, poetas, músicos, cantores, repentistas, sanfoneiros, declamadores, expressando a arte e a cultura local. Tal atividade, além de culminar as sessões dos *Círculos de Cultura* constituía-se, propositivamente, como ambiente adequado para ampliar a visão de liberdade, de participação livre e democrática. Constituiu-se,

pois, em uma "prática educativa que só pode alcançar efetividade e eficácia na medida da participação livre e crítica dos participantes" (Freire, 1999 p. 33).

Os depoimentos dos camponeses acerca dos eventos mensais promovidos nos *Círculos de cultura: o cinema vai ao campo* destacavam a busca por novos temas e a intensificação do interesse pela reflexão e pelo desenvolvimento de sua capacidade crítica, como sujeitos ativos e autônomos, vislumbrando novas possibilidades, novos horizontes.

Considerações Finais

Na concepção freireana o conceito de "Círculo de cultura" descreve o espaço em que corre o diálogo, o compartilhamento de questões cotidianas, de desafios, além da interação entre os pares na construção da história, das aspirações, enfatizando o inacabamento que exige novos pensares e novas ações acerca do lugar de cada um na sociedade.

Este estudo procurou investigar significados atribuídos aos *Círculos de cultura: o cinema vai ao campo*; buscando identificar e interrogar o caráter educativo das práticas desenvolvidas através da exibição fílmica no diálogo com os povos do campo e suas culturas populares.

O uso do cinema em comunidades camponesas aponta um cenário em que revela a intensificação do interesse por novas criações, novas possibilidades, novos horizontes. Consubstancia-se como um espaço político de manifestação de culturas dos integrantes das associações comunitárias, espaço de desenvolvimento da capacidade crítica para pensar o vivido, para organizar a luta por condições dignas de vida e trabalho e, pela participação e engajamento nas lutas sociais.

A imagem em movimento atuou como um veículo e um canal para pensar as relações de identidade e pertença, ao tempo em que despertou a reflexão sobre a importância do cuidado com o solo, o ambiente, a água, o compartilhamento de ações, a apropriação e aprofundamento aos seus temas fundamentais e no reconhecimento de suas tarefas concretas para a tomada de decisões coletivas.

A arte cinematográfica e a discussão sobre as temáticas contempladas nas telas mobilizaram outras imagens, outras culturas revelando, sobremaneira, um sair de si, uma nova dimensão ao estabelecido, contribuindo para despertar sentimentos, manifestar opiniões. Assim, as sessões fílmicas possibilitaram a reflexão sobre o viver em grupo, indicando que ninguém está no mundo de forma neutra, mas que almeja o enfrentamento aos conflitos e a conquista aos desejos de forma engajada e comprometida.

Referências

- CHAUI, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAES, Adauto. et al. O Olhar. São Paulo: Companhia das letras, 1998.
- FERRO, Marc. O Filme. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- _____. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987
- _____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. *Ação Cultural para a Liberdade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- KELNNER, Douglas. *A cultura da mídia: Estudos Culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: EDUSC, 2001.
- LEAL, Willis. *O Nordeste no cinema*. 2. ed. João pessoa: UFPB, 1982
- LIMA, Maria Emília. C. C.; MACHADO, Maria Zélia V. Narradores de javé: duas leituras na formação de educadores do campo. In: MARTINS, Aracy Alves et al. (Orgs.). *Outras terras à vista: cinema e Educação do Campo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- MARTINS, Aracy Alves et al. (Orgs.). *Outras terras à vista: cinema e Educação do Campo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- MORETTIN, Eduardo; CAPELATO, Maria Helena (Orgs.). *História e Cinema*. São Paulo: Alameda, 2007.
- MUNIZ, Durval. A invenção do nordeste e outras artes. São Paulo: Cortez, 2001
- RAMOS, A. L. A.; BRAGA, A; TEIXEIRA, I. A. C. O cinema vai ao campo. In: MARTINS, A. A. et al. (Orgs.). *Outras terras à vista: cinema e educação do campo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.